



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

SENHORAS DE BRANCO EM REZAS: SOLIDÃO E VELHICE NAS REZADEIRAS NO NORTE DO PIAUÍ (1950 2010)

Pedrina Nunes Araújo*

1

Os sujeitos e os sentimentos são categorias inerentes, ligados pela concretude que se é a forma de sentir e as palavras que por eles se denotam. Diante disso, estabelecer um entendimento sobre a relação, religiosidade, velhice e solidão nas rezadeiras, torna-se o objetivo central do trabalho. No primeiro momento é necessário se entender, conhecer e até certo ponto delimitar o sujeito rezadeira.

Podemos definir as rezadeiras, fazendo um pequeno recuo aos modos colônias da religiosidade brasileira. O catolicismo no Brasil se inicia a partir da colônia, que acabou se tornando um incremento de práticas religiosas condicionando as atitudes do homem religioso no Brasil. Uma religiosidade fluida, adaptável, católica e sincrética. Para Steil *as rezadeiras são: “agentes religiosos populares que exercem uma função intermediária entre o sagrado e o profano”*¹. Mulheres que aprenderam o ofício, motivado pelo meio religioso do qual estavam inseridas. Um verdadeiro universo de rezas alimentado todos os dias pela religiosidade efervescente.

* Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí, integrante do grupo de pesquisa “Cnp História, memória e patrimônio”

¹ STEIL, C. Alberto. *Catolicismo e Cultura* IN: VALLA, Victor Vicent (org). *Religião e Cultura Popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.24.

A religiosidade na colônia, especificamente a católica fora implantada no Brasil através dos jesuítas, foram eles a incorporar os primeiros elementos cristãos na América portuguesa. Segundo Laura de Melo e Sousa o catolicismo praticado na Europa durante o último século que antecede a colonização já era um catolicismo sincrético desalinhado e “imperfeito”. Durante o início do período moderno se inicia no mundo europeu vários acontecimentos possíveis para se entender o surgimento da Companhia de Jesus, principal base que condicionou a expansão do cristianismo no Novo Mundo, nesse caso no Brasil. A Reforma Protestante provocou transformações profundas no catolicismo, mudanças representada pela sua antídoto, a Contra Reforma católica, uma espécie de reação frente aos reformadores liderados por Martinho Lutero².

No Brasil as ações da Contra Reforma foram exercidas principalmente pela Companhia, ao inserir em terras tupiniquins um catolicismo sob as réguas do Concílio de Trento, os jesuítas não encontraram facilidades que pudesse indicar um suposto sucesso no projeto colonizador dos portugueses. A diversidade cultural já existente com os indígenas foi o primeiro indicio de que a religiosidade católica no Novo Mundo não iria fugir de uma antiga característica ainda muito peculiar, o sincretismo.

O pensamento de uniformidade cultural iniciada com o desejo de emergência dos Estados Nacionais modernos, fez com que o povo ocidental não percebesse a diversidade existente no próprio continente europeu, na Península Ibérica, por exemplo, as diversas etnias serviram de certa forma para que os ibéricos adquirissem experiência com o trato em relação a outros povos. Trato que pode ser entendido como ortodoxo e hierárquico, durante a colonização índios e negros foram considerados inferiores em todos os aspectos se comparados aos brancos portugueses. Foram nessas circunstâncias que os colonizadores implantaram os primeiros resquícios do que podemos chamar de religiosidade católica brasileira.

As rezadeiras surgem a partir desse caleidoscópio religioso colonial permanecendo nas práticas das senhoras rezantes. Quando me refiro à noção de mistura, pretendo defender a ideia de que esse sujeito foi a caracterização de uma imensa composição de vários elementos étnicos culturais de negros, índios e brancos:

² SOUSA, L. de Melo: O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

No Brasil Colonial, a religiosidade católica pode ser considerada como uma espécie de continuidade sincrética ampliada do catolicismo europeu, porém, composto de manifestações religiosas que aqui existiam de negros, índios e portugueses, práticas que se mesclaram e formaram um perfeito caleidoscópio cristão, difundido de maneira constante na cultura e no sentimento de religiosidade do povo³.

O ritual de cura das senhoras rezantes possuem dois elementos que o formam: *Encantamentos e prescrições e manipulação física*⁴. As rezas e benzimento ajudam a compor o ritual de cura, essas características são heranças de antigas práticas religiosas coloniais muito comuns nas pessoas do período, sejam elas negras ou brancas. Por exemplo, a benção era praticada em animais, forma comum para livrá-los do mal que pudessem deixá-los doentes, para a economia da época o porte de animais era imprescindível. As rezas mágicas já eram muito utilizadas em práticas de cura, até mesmo pelos europeus que acreditavam nas doenças por causas sobrenaturais postura também muito parecida com as atitudes religiosas dos negros e índios, podemos perceber a incrível mistura nos rituais das senhoras rezadeiras. Portanto podemos concluir serem as rezadeiras uma herança religiosa colonial.

3

SOLIDÃO E VELHICE

O estudo gira em torno das memórias de seis rezadeiras, senhoras idosas pertencentes às cidades de: Teresina, Piri-piri e União. Senhoras como Dona Virgínia, Dona Odília, Dona Felicidade (Teresina); Dona Raimunda e Dona Laura (União) e Dona Marizu (Piri-piri). Paul Thompson compartilha da importância dada aos estudos de memória e ao modo como uma espécie de memória viva pode ser capturada: “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade; descolar as camadas de memórias, vacar fundo

³ ARAÚJO, P. Nunes. *Senhoras da Fé: A história de vida das rezadeiras no Norte do Piauí*. Dissertação (Mestrado em História)____ UFPI, 2011, p.31.

⁴ Encantamentos e prescrições [As rezas e o benzimento composto pelas palavras ou orações católicas, o gesto com a planta sobre o doente, os remédios e recomendações que algumas sugerem], Manipulações físicas [doenças que necessitam do toque da rezadeira sobre o doente, parto de crianças].

em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta”⁵ Através das afirmações de Paul Thompson já ponho em evidência as minhas pretensões metodológicas, caracterizada pela história oral. Método eficaz quando se deseja investigar e entender essas memórias vivas.

Solidão pode representar uma situação ou um modo de viver, abrangente em muitos sujeitos, independente da idade e condição social. Observado empiricamente, pude perceber que a solidão se desperta de duas maneiras: Solidão sentida e Solidão ampliada⁶. Nas senhoras rezadeiras a solidão se evidenciam com muito mais profundidade de sentimentos, a condição de velhice fortalece o teor da solidão na vida dessas senhoras rezantes. Segundo Ecléa Bosi, cada sociedade possui um modo peculiar de caracterizar ou ver a velhice, para a autora, na nossa sociedade industrial o velho é tido com um sujeito ultrapassado incapaz de participar da vida produtiva na comunidade, a aposentadoria é consequência desse estado de coisas.

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. Se a posse a propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defenderiam da desvalorização de sua pessoa⁷

4

As senhoras rezadeiras possuem essas características, aliás, grande parte das mulheres que exercem o ofício possui mais de sessenta anos. Esse status social aprofunda mais a solidão, provocando influência na relação das senhoras rezantes com a prática do ofício de reza. Observar as atitudes dessas seis mulheres em relação à velhice e solidão é crucial para se entender até mesmo a religiosidade por elas praticada.

No trabalho de dissertação que desenvolvi intitulado “*Senhoras da fé: História de vida das rezadeiras no norte do Piauí 1950- 2010*” observei que ao analisar as

⁵ THOMPSON, P. A voz do passado: História oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 197.

⁶ Observei que *solidão sentida* se enquadra principalmente na questão de se sentir só, desprezado, deslocado em relação aos outros, a *solidão ampliada* é caracterizada por se sentir só e se estar só [no caso específico de se morar sozinho]. Ambas as formas de solidão são condicionadas pelo isolamento que, no caso das rezadeiras, todas perpassam.

⁷ BOSI, E. *Mémória e sociedade* – Lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras – 1994, p.77.

memórias das senhoras rezantes, foi possível entender o que Maurice Halbwachs denomina de pontos marcantes da memória, na pesquisa os denominei de “*Linhas de vidas*” São elementos nas lembranças das senhoras rezadeiras que as tornam ligadas e em comum nas ações diante do ofício da reza. A solidão é somente um dos aspectos concomitantes que traduzem o ser rezadeira dentro do grupo trabalhado. Acredito que um dos fatores principais para essa condição, seja a velhice, as diversas dificuldades, a própria condição física ajuda ou proporcionam a solidão.

O isolamento provocado pela velhice talvez seja o estágio final de todo esse processo, a incompatibilidade de tempos existente nas gerações que se confluem, acabam que tornando o isolamento característica marcante da relação velhice/solidão. Nossa sociedade que não prioriza a experiência do idoso rejeita diretamente uma participação desses sujeitos na vida econômica da comunidade ou qualquer outra atividade: “Mas ao mesmo tempo as pessoas, quando envelhecem e ficam mais fracas, são mais e mais isoladas da sociedade, portanto, do círculo da família e dos conhecidos”⁸ Norbert Elias ao enfatizar a fraqueza dos idosos, já nos remete a força física e saúde do corpo,

DONA ODÍLIA

Dona Odília morava em Teresina quando houve a pesquisa e possuía a solidão ampliada. A companhia dos filhos ou netos era rara, a procura das pessoas pela reza servia como distração diante da incomoda solidão. Uma fragilidade física impedia que o ritual fosse realizado com galhos de árvore, galho de vassourinha era o preferido da rezadeira, devido às transformações que caracterizasse a ausência da árvore, favoreceu a mudança na prática por parte da rezadeira. Mudança essa que segundo Mircea Eliade⁹ pode ser alcançado no sentido que de que um instrumento qualquer de um ritual, possui uma espécie de realidade característico do rito e que enquanto essa realidade existir, o instrumento é relevante. Porém podemos perceber que no caso da rezadeira Dona

⁸ ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*-Seguido de “envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro. Zahar, 2001P. 85

⁹ ELIADE, M. *Imagens e símbolos*: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução: Sonia Cristina Tamer. São Paulo. Martins Fontes, 1991.p. 37-38

Odília, há uma adaptação em relação a isso, o galho de vassourinha tornou-se raro em sua localidade isso a fez substituir o instrumento por outro, no caso um terço católico. O fato de não haver companhia na dia a dia, favorece o aspecto de transformação no ritual, consequentemente o sentimento de solidão ampliada também:

Pedrina: Quando a senhora vai rezar nas pessoas, a senhora usa galhos de árvore?

Odília: De primeiro eu pegava o galho de vassourinha para rezar, hoje eu rezo com o meu terço, o tercinho da minha reza é separado do outro que eu rezo.

Pedrina: Então a senhora tem um terço normal e um terço para rezar nas pessoas?

Odília: Tenho, tenho, tenho....

Pedrina: E porque que a senhora não reza com galhos?

Odília: Porque a vassourinha não existe mais por aqui onde moro.

Pedrina: Mas a senhora só reza se for com esse tipo de planta? Qualquer outra planta não serve?

Odília: Não! Outra planta para mim não me serve não.

Pedrina: Isso foi a rezadeira quem lhe ensinou?

Odília: Foi

Pedrina: Ela disse só pode rezar se for com essa, se não for com essa não reza.

Odília: Porque a vassourinha é um remédio, a vassourinha é um remédio muito bom camarada, o pessoal é que não dá valor, mas a vassourinha cura qualquer doença no fígado, nos rins que me curei com ela e aí...¹⁰(grifo meu)

Observamos os motivos de transformação no ritual da senhora rezante, além da questão da ausência da árvore podemos perceber que por causa da condição de idosa essa dificuldade se tornou ainda mais permanente, caracterizando uma mudança na forma original de rezar. Incapacitada de ir à procura do galho específico a rezadeira foi obrigada a construir uma nova realidade para o ritual. O fato de morar sozinha ajuda a estabelecer esse estado de coisas.

DONA VIRGILINA

A senhora Dona Virgilina é natural da cidade José de Freitas, nasceu em um povoado chamado Meruoca, lugar onde obteve os primeiros contatos com as motivações religiosas. Mas foi em Teresina que a rezadeira começou a exercer a primeira ação ritualística. O sentimento de solidão se manifestou de duas maneiras,

¹⁰ Entrevista realizada com Dona Odília, em maio de 2006 na cidade de Teresina - PI

porém nunca deixou de ser solidão sentida, em um primeiro momento a solidão se manifestou por causa da viuvez, a morte do marido acarretou inúmeras sensações sombrias destinando senhora rezante esse status na vida familiar. Porém com o passar dos anos o motivo iniciador fora substituído por outro, agora o que provoca a solidão sentida na senhora rezadeira Dona Virgilina é a velhice:

Lembro! Eu estava com e trinta e três anos, mas aí eu parei, eu vim embora do interior e parei! aí vim me embora aqui pra Teresina e aqui em Teresina meu esposo morreu com dois anos que nós morava aqui ele morreu né?. **Aí assim pelo conhecimento das amigas, das colegas acho que pra ficar assim no mundo de amigos, pois eu não tinha visitas de pessoas, aí as pessoas** começavam aparecer com as crianças pedindo para rezar e eu dizia.¹¹(grifo meu)

O falecimento do esposo foi o primeiro acontecimento na vida da rezadeira que possibilitou o surgimento da fatídica solidão, essa solidão sentida fora amenizada com o retorno das rezas. A fragilidade com o tempo se consolidou sendo representada pela velhice, fator condicionante da solidão, a presença constante de pessoas na residência de Dona Virgilina estabelecia uma sensação de distanciamento com a solidão, a religiosidade enraizada desde a infância se tornou o principal refúgio. Refúgio que também sofreu transformações por causa da idade avançada, o ritual não possui o mesmo formato de quando ainda um pouco mais jovem. Esse detalhe transparece por que o sentimento de fragilidade por parte da rezadeira é exposto, mostrando aos outros que sua força não é a mesma e que rezar acabou se tornando uma tarefa difícil e adaptada. Ecléa Bosi trabalha coloca uma questão interessante quando remete a velhice: “Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significados a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo”¹² Apesar da idade, Dona Virgilina não deixou de rezar, o significado que o ritual possui ultrapassa qualquer circunstâncias e mesmo passando por transformações, o sentido existente continua ativo e renovado.

¹¹ Entrevista realizada com Dona Virgilina, em dezembro de 2005 na cidade de Teresina - PI

¹² BOSI, E. Op.Cit.,1994, p.80

DONA MARIZU

Senhora rezadeira da cidade de Piripiri, aprendeu o ofício adulta com outra rezadeira. A curiosidade religiosa foram elementos que despertaram o interesse de Dona Marizu em aprender a rezar. Morando sozinha desde a morte do esposo, a rezadeira aprendeu a conviver com a solidão ampliada fortalecendo o ofício como uma forma de sobressaída diante da vida solitária. Em depoimento a senhora rezadeira deixa transparecer sua tristeza por não ter ninguém que pudesse compartilhar a sabedoria sobre o ofício:

Pedrina: A senhora ensinou essa prática para mais alguém?

Dona Marizu: Não!

Pedrina: Para nenhum de seus filhos? Ninguém quis aprender?

Dona Marizu: Não tenho filho não, não tenho ninguém sou só eu no mundo. Até o marido que Deus me deu já levou¹³.

A solidão permanente na vida dessa senhora rezante rasga com força a seda que envolve os saberes culturais, desvenda com crueldade o segredo do homem em cultivar sua cultura e expandir sua forma de ser. O ciclo cultural é quebrado, o enlaço que ajuda a envolver a cultura, como o no caso o aprendizado ou o repasse de um saber, é fragilizado, fragmentado e diluído somente na individualidade da rezadeira. Essa sociedade de multidões onde se é permitido passar saberes, sofre certa descaracterização quando percebemos no mundo da rezadeira Marizu o estandarte da solidão, a efêmera companhia daqueles desejosos de reza e cura é o respaldo necessário de um alívio imediato.

Toda essa forma de ser, a solidão ampliada que se insere no cotidiano com clara presença, traduz o nítido medo do mundo e de pessoas desconhecidas que possam adentrar sua casa com o discurso de amigo. Essa é mais uma consequência na vida da rezadeira em que a solidão despeja suavemente sua parte destruidora, o medo disfarçado de desconhecido, para Dona Marizu era aterrorizante.

¹³ Entrevista realizada com Dona Marizu, em maio de 2010 na cidade de Piripiri - PI

DONA FELICIDADE

O nome traduz com certeza a felicidade que o ritual proporciona quando se é permitido compartilhar com outras pessoas um pouco do dom divinal. Mesmo mergulhada na solidão ampliada, Dona Felícia, como era conhecida, não hesitava em dividir suas dádivas como forma de agradecimento a Deus.

A solidão ampliada de Dona Felicidade é sustentada pelo isolamento social. Os filhos a deixaram morar sozinha. Parece-me que morar sozinha era uma condição ditada pela senhora, como que para viver um estado de independência em relação aos filhos. O historiador Paul Thompson¹⁴, ao descrever diversas situações de como o exercício do lembrar é importante para se identificar doenças de caráter emocional, demonstra através de alguns exemplos como, para certas pessoas idosas, o fato de morar sozinhas pode gerar um sentimento de independência física e social, causando em muitas situações um tipo de vontade de liberdade e um desinteresse de querer se instalar em um asilo ou até mesmo residir na casa dos filhos:

Muitos assistentes sociais viram-se diante dessa relevância do passado quando ele mostrou ser uma pista para um caso particularmente intrigante: por exemplo, o velho incapaz de cuidar-se sozinho e, no entanto, obstinadamente relutante em ir para um asilo. Sua resistência tornou-se imediatamente compreensível assim que se soube que, quando criança, estivera num orfanato.¹⁵

O exemplo de Thompson pode explicar por que muitos idosos resistem à solidão e, por estarem nesse estágio de vida, não admitem ser cuidados, assim, pensa-se até existir depressão, nessas pessoas, caso fossem morar em outro lugar e perdessem a independência de cuidarem-se sozinhos. O exemplo também possibilita perceber que, no caso de Dona Felicidade, os motivos podem ser os mesmos, porém com ressalvas já que estava bem de saúde diante dessa situação de morar sozinha que para ela significava regredir diante da vida.

A solidão permeia a vida dessas senhoras de diversas maneiras, invade o cotidiano deixando-o longo e monótono, além de proporcionar o distanciamento dos

¹⁴ THOMPSON, P. *Op. Cit.*, 1992

¹⁵ *Ibidem*, p.211

familiares. As rugas que se estendem nos rostos cansados, são a representação do tempo passado, inúmeras situações sofridas, porém momentos de prazer e fragmentação da solidão por conta do ofício. O frágil vigor físico atinge e restringe a prática da reza, as poucas forças do corpo aprofundam a solidão.

O homem contemporâneo é um sujeito solitário, fragmentado em si mesmo constrói e sofre a solidão. Porém cria subterfúgios que podem caracterizar uma dispersão desse estado de ser. Nas senhoras rezantes as rezas em muitas situações se apresentavam como fugas silenciosas do status solitário, distribuir e encantar através do ritual aparecia como uma alerta de que na vida ainda era possível enxergar de “azul”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, P. Nunes. *Senhoras da Fé: A história de vida das rezadeiras no Norte do Piauí*. Dissertação (Mestrado em História)_____ UFPI, 2011, p.31.

BOSI, E. *Mémória e sociedade – Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras – 1994 p.77.

ELIADE, M. *Imagens e símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Tradução: Sonia Cristina Tamer. São Paulo. Martins Fontes, 1991.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos-Seguido de “envelhecer e morrer”*. Rio de Janeiro. Zahar, 2001P. 85

SOUSA, L. de Melo: *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

STEIL, C. Alberto. *Catolicismo e Cultura* IN: VALLA, Victor Vicent (org). *Religião e Cultura Popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.24.

THOMPSON, P. *A voz do passado: História oral*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 197.

Depoimentos concedidos

Entrevista realizada com Dona Felicidade, em maio de 2006 na cidade de Teresina - PI

Entrevista realizada com Dona Marizu, em maio de 2010 na cidade de Piri-piri – PI

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

Entrevista realizada com Dona Odília, em maio de 2006 na cidade de Teresina - PI

Entrevista realizada com Dona Virgilina, em dezembro de 2005 na cidade de Teresina -
PI